

## ANATOPIA

“Como pássaros que, entrando pela chaminé e vendo-se encerrados num quarto, zanzam à falsa luz de uma vidraça, pouco sagazes para considerarem por qual caminho vieram.”

Hobbes

Se aceitássemos a usura dos títulos em oposição, se aos arrombamentos que abrem o novo impuséssemos a inclusão num mundo de antíteses arranjadas, *Ludwig*, de Visconti, bem poderia chamar-se o “Anti-Satyricon”. Arremate de toda uma gigantesca repressão abatendo-se sobre o paraíso sonhado do paganismo felliniano: “só a alma conta”, diz o rei da Baviera; só a alma: só a arte. Esta, que no *Satyricon* só aparecia verdadeiramente enquanto fragmentos e memórias de uma vida sumida (na cena final), torna-se agora a dimensão mais nobre da existência. E as divindades pagãs, feitas personagens de obras e óperas, vão ser adoradas no quadro duma mitologia da Arte, tão estranha que nem se saberá se o culto se dirige a uma transposição do sagrado religioso, ou ao estético sacralizado.

“Nosso papel”, diz a certa altura a personagem Elisabete d’Austria, “é sermos vitrina para o mundo, mostrarmos ao povo nossos atos.” A função política da monarquia esvai-se; o rei cessa de constituir uma força autónoma, é simples símbolo ou figura destinada a exercer papel encantatório, num teatro do gesto meticuloso. A perfeição nada produz, o rei é incapaz de gerar atos; todo o seu valor está em dar voltas em torno de si mesma, em circular no significante. À sociedade burguesa da Baviera convém a sanção real — e, se possível, real e imperial, como ocorrerá de 1871, com a superposição dos poderes do Kaiser e do Rei. Luís II, porém, recusa a ficção representativa que o ministério tenta impor-lhe; rejeitá o papel de promulgador e instrumento da sua política; torna-se uma presença individualista funcionando à sombra do sistema, assumindo nihilistamente o moto perpétuo do significante, pondo em relevo — com alguma zombaria e muito tédio — as contra-dições e farsas da política (1). É a rejeição do universo político — imposto

---

(1) O culto da arte é denúncia do conformismo burguês, eis a perspectiva adotada por Visconti: do exterior só temos curtos lampejos, sempre narrados; é o “mundo” que parece tornar-se irreal, não mais do que um conto. Para não servir ao “Establishment”, denunciado enquanto mediocridade, Luís II renega o seu reino bávaro e prefere instaurar a sua monarquia num castelo — ou, no fim, em seu cérebro almejando a própria extinção.

socialmente como mundo da máxima realização humana — que faz de Ludwig uma personagem shakespeariana: e o médico, ditando a versão oficial do afogamento do rei, lembra Fortinbrás constatando a morte de Hamlet e tomando posse da coroa dinamarquesa.

Negar a ficção representativa é abraçar plenamente a ficção, é cortá-la de toda amarra com a realidade, é — nas palavras do censor Hobbes — entrar na gaiola dos “que acreditam nos livros” (2); mais, porém: é tornar-se livro. Não se trata de *crer* na música, mas de — invertendo o usual e o natural, erguendo castelos anacrônicos e encerrando em seu interior lagos e cisnes — tornar-se personagem de ópera. O rei não busca em Wagner um amante, nem o inspirador espiritual; deseja-o como criador, de quem possa ser obra entregue à repetição eterna de um perfeito roteiro. Num infinitivo fora de tempo, modo e *topos*, chegar a obra de arte, alcançar o infinito e abolir a angústia pela reiteração de gestos feitos belos: insano, Luís II procura na loucura forjar o mundo de sua proteção, da noite contra o dia, do homossexualismo contra a falocracia, da arte contra a política burguesa; insone, o monarca busca o repouso que o transformará num sonho único, sempre reiniciado, cíclico.

Evite-se ver em Ludwig uma figura decadente. Falar em declínio supõe uma linha de prévio progresso, supõe também que no apogeu ou na queda o objeto permanece o mesmo, nas teias da identidade. Nem sequer se pode falar em anacronia: seria dizer que, nascido em outra época, ele teria dado um Ivã o Terrível, um Carlos Magno... Ora, a estetização da própria vida é um fenômeno muito datado, precisamente dos séculos XIX e XX. Melhor dizer que Luís é anatópico: que, nos lugares que lhe são designados, recusa-se a sentar, migra sempre, transtornando as praxes dinásticas(3) e as reviravoltas da política (4). Com esta subversão, escapa ao papel de amante da arte; levando ao extremo o diletantismo, deixa a contemplação ordinária e submissa da obra, rompe entre o autor e o leitor o fosso do culto: e se lança no impossível mas sempre tentado salto do diletante, buscando de contemplador passar a ser, não autor, mas obra (5). O cetro de Ludwig não produzirá ordens, o seu sexo não gerará filhos, o seu cérebro não criará ópe-

(2) *Leviathan*, cap. 4, pág. 15 da edição de 1651.

(3) Tenta ajoelhar-se aos pés de Wagner!

(4) O rei, “símbolo do país”, pensa, e com isso perturba. São os mesmos motivos que o levam em 1866 a opor-se à aliança com a Áustria na fracassada guerra contra a Prússia, e em 1871 a resistir à entrega de seu reino ao Império forjado sob a égide da ex-adversária. Das duas vezes em vão.

(5) Talvez por isso Visconti amesquinhe a tal ponto a figura de Wagner: o que conta não é o autor, é só a obra. Não, porém, como o quer a recente crítica, enquanto objeto do olhar ou leitura; e sim como dimensão cobiçada do ser. O autor pode ser empresário, a sua lógica a da economia, mover-se no mesmo mundo que os ministros que o detestam; mais uma razão para Ludwig rejeitar este compromisso que é a autoria, para só tentar a obra.

ras. Não interessa manter com o exterior a relação cúmplice de produtor: importa concentrar em si mesmo toda a energia, fazer-se perfeição, assumindo o significativo que lhe foi imposto mas recusando funcionar da maneira politicamente exigida. Superar as contingências da comunicação, negar o destinatário, a confusão, a variedade interpretativa, para, por trás da significação vencida, simplesmente ser, no triunfo da ontologia. A arte, por sua perfeição, exerce sobre o homem o fascínio que o leva a querer a metamorfose em palavra (6), em som, afogando-se para — quem sabe — ser cisne.

A loucura — constituição de mundo próprio, esquizofrenia deliberada (7) — traz-nos uma figura do expressionismo alemão, lembrando por contraste o corpo arestado de Ivã o Terrível. A mesma busca do Amigo — que, para o czar, pode até ser o adversário político; a mesma solidão, em meio ao deboche dos lacaios ou à conspiração dos boiardos; a mesma paixão insaciável pela autenticidade, recusa da mentira e do uso. A arte para Luís, a amizade para os dois monarcas, devem ser a pureza, trazer a redenção. Nos dois pólos da realeza — de um lado o soberano que é inteiramente político, de outro o monarca carente de todo poder — uma comum solidão, uma mesma insônia. As rugas de Ivã foram sulcadas por olheiras: policial de seu país, na lembrança o terror da mãe assassinada e o ódio pela morte da esposa, o czar não tem repouso. E Luís não dorme, na angústia sem fim da anatópia absoluta: para um rei, a posição que lhe cabe é sempre humilhante; para um homem, a realeza é estorvo. A Morte arremata, resolve a angústia nunca apagada: pois nenhuma das cumplicidades tentadas com a Arte, seja no culto seja na metamorfose, trouxe a redenção.

*Renato Janine Ribeiro.*

- 
- (6) Ver por exemplo os quadros da gravadora argentina Betty Berman, de 1967 e 1968, em que o corpo humano aparece varado de frases ou simples letras emaranhadas; sonho ou pesadelo, esta ficção do corpo lavrado pelo alfabeto comparece cada vez mais na imaginação contemporânea.
- (7) Não falta sagacidade e a prisão é escolhida: maneira de repudiar os circuitos do mundo exterior.